



A **Essência do Tempo** é um livro sobre a administração do tempo. É para ser lido como um livro de gestão, pois esclarece como podemos ser mais produtivos em nossas atividades profissionais e pessoais.

Escrito em linguagem simples e direta, prende a atenção por intermédio de uma interessante narrativa, dá lições incríveis àqueles que pretendem otimizar seu tempo e ainda diverte o leitor, que não sente o tempo passar durante a agradável leitura.

No livro você aprenderá: Como administrar melhor várias atividades? O que fazer para ser mais eficaz? O quanto focar em cada dimensão do tempo? Como obter maior controle e produtividade? Como reduzir o estresse? Como estabelecer prioridades? O que fazer, para aumentar a eficácia das reuniões? Como usar o tempo como diferencial competitivo nos negócios?

*Um livro imprescindível para todas as pessoas que necessitam administrar melhor o tempo.*

*"Todos os caminhos são mágicos se nos levam a nossos sonhos."*

## **A Culpada?**

*Paulo Coelho*

Pelo que recordo acho que tudo começou na casa de minha avó. Era um domingo e antigamente era esse o dia destinado não somente a missa, mas também a visita à casa dos parentes mais queridos.

Eu adorava visitá-la não somente em função do amor recebido e dos saborosos doces que ela fazia, mas também pela extensa coleção de revistas antigas que eu lia com enorme prazer após o almoço.

Em um desses domingos ao folhear uma dessas antigas revistas, fui surpreendido com a foto de uma linda mulher. Uma combinação de cabelos loiros despenteados e brilhantes, com lindos e grandes olhos escuros.

Uma mistura de mulher e de menina que demonstrava certa ingenuidade. Brigitte Bardot no esplendor da juventude. Tenho certeza de que uma foto como aquela, ainda hoje faria muito sucesso, principalmente por ser uma beleza natural, sem plástica, correção digital ou qualquer outro artifício.

A extensa reportagem dizia que entre outras qualidades, seu rosto de menina era um dos motivos de seu estrondoso sucesso. Curiosamente até a pronúncia das iniciais fortalecia essa imagem, pois BB tanto em francês, como em português, eram pronunciadas como "bebê".

Em outra revista da coleção descobri que ela foi a responsável por tornar a praia de Búzios conhecida e que só depois disso o local foi descoberto pelos brasileiros, virou município e tornou-se um dos pontos mais procurados do verão, inclusive por estrangeiros. Em sua homenagem, a Prefeitura criou a Orla Bardot, erguendo ali uma estátua da atriz em tamanho natural. Achei um pouco de exagero tantas homenagens, mas que ela era bonita, era.

Foram vários domingos lendo, mas não sosseguei, enquanto não li todas as revistas da vovó.

Houve um saldo positivo em tudo isso, pois acabei desenvolvendo o hábito de ler, o que melhorou meu vocabulário, minha cultura, e minha velocidade de leitura. Lia de tudo: placas de ônibus, bulas de remédio, gibis, jornais e livros. Tinha preferência em ler sobre a França, e em especial sobre Paris.

Vivia cantarolando músicas de Edith Piaf e do Charles Aznavour, e procurando sempre ler artigos que por alguns instantes me transportassem para aquele mundo mágico. Ficava sonhando acordado com os vários cartões-postais parisienses, como a Champs-Élysées, o Museu do Louvre, as pontes ao longo do Rio Sena, O Arco do Triunfo, a Catedral Nôtre-Dame e sobretudo a Torre Eiffel o maior símbolo da França.

Adorava discorrer meus conhecimentos em festas e reuniões sociais contando curiosidades sobre a Torre Eiffel como o fato de que;

- *Foi construída pelo engenheiro Gustave Eiffel para impressionar os visitantes da Exibição Universal de 1889, data do centenário da Revolução Francesa.*
- *Sua estrutura revolucionária para a época atingiu a altura de 320 metros, superando com mais que o dobro de altura a Grande Pirâmide de Quéops, no Egito, com 138 metros de altura e quase cinco mil anos de idade, que era a edificação mais alta até então.*
- *Levou dois anos para ser concluída, e seria demolida após a Exibição, não fosse seu uso para estudos meteorológicos e o bom senso dos parisienses.*
- *Está localizada na margem do rio Sena e na extremidade do Campo de Marte (Champs de Mars), onde um dia Santos Dumont desafiou a gravidade.*
- *Curiosamente foi inaugurada pelo Príncipe de Gales que, posteriormente, tornou-se o Rei Eduardo VII do Reino Unido.*

O passar dos anos só fez aumentar em mim a fascinação por Paris, e agora adulto e com as possibilidades que a tecnologia me proporcionava, sempre que podia navegava pela internet em busca de informações sobre roteiros de viagem e lugares turísticos. Todos meus amigos sabiam que meu grande sonho era poder viajar para Paris, e rotineiramente me enviam e-mails sobre a cidade luz.

Um dia ao ler um desses e-mails, encontrei um que chamou muito minha atenção:

***Realize seu Sonho***

*Grande oportunidade;*

*A Torre Eiffel possui 320 metros de altura, 1.652 degraus, está estruturada com 2,5 milhões de rebites, nunca balança mais do que 12 centímetros, pesa 10.100 toneladas, a noite é iluminada por 20.000 lâmpadas o que permite que seja vista a distância de até 80 km, possui 200.000 m2 de área e são necessários mais de 60 toneladas de tinta cada vez que é necessário repintá-la.*

*O governo da cidade está abrindo uma licitação para o fornecimento do material!*

*Sds.*

*Um amigo.*

*Ps.: Essa mensagem pode mudar sua vida*

Quem teria enviado a mensagem? Quem seria esse amigo? Se um amigo, por que não colocou seu nome? Seria alguma brincadeira?

Tentei descobrir o remetente, mas não havia identificação no campo correspondente. E por que uma observação tão intrigante!

Senti que meu coração chegou a disparar de tanta ansiedade em descobrir que a torre iria mesmo ser pintada, que nem me preocupei mais em descobrir quem enviou o e-mail. Após vasculhar em alguns sites de busca, encontrei uma reportagem no "Lê Monde" - o mais importante periódico francês - noticiando a citada licitação. Fiquei muito feliz, pois poderia finalmente concretizar meu sonho.

Explico melhor o porquê de tanta alegria, sou um executivo de vendas de uma empresa de tintas, que fabrica produtos que podem ser desidratados, transportados em pequenos volumes e chegando ao destino, reidratados, o que torna nossos preços extremamente competitivos principalmente a longas distancias em função da economia do frete.

Essa tecnologia é exclusiva, pois fomos nós que a desenvolvemos. Os concorrentes estão tentando descobrir nosso segredo a qualquer custo, mas felizmente não estão conseguindo a mesma qualidade final do produto.

Como um pedido de venda de tinta capaz de pintar 200.000 m<sup>2</sup>, é um excelente negócio em qualquer lugar do mundo. Desenvolvi um estudo de viabilidade técnica e comercial, analisando detalhadamente nossos pontos fortes e fracos, as chances que teríamos e a taxa de retorno. Em resumo, me preparei bastante e acabei convencendo a diretoria de que deveríamos participar.

O principal argumento foi o de que precisávamos começar a ter experiências no mercado internacional, uma vez que fazia parte do planejamento estratégico da empresa à abertura de uma filial no exterior.

Felizmente fui o vendedor escolhido, não só por ter identificado a oportunidade, como também por ser o mais bem preparado, graças aos meus conhecimentos sobre a cultura e a língua francesa.

Apesar da correria do dia a dia e de estar trabalhando como um louco para cuidar de todos os documentos, certificados de qualidade e amostras, os dias que antecederam minha viagem foram os mais longos de minha vida. Parecia que o tempo não passava tamanha era a minha expectativa. Contava as horas regressivamente, e sempre que podia ficava sonhando acordado com os passeios e lugares que iria visitar.

Acredito que fiquei até um pouco mais chato, pois os colegas de trabalho chegaram a comentar se eu não tinha outro assunto. Somente a santa de minha esposa e meus filhos e que tinham a paciência de me escutar falar centenas de vezes sobre o mesmo assunto.

Finalmente chegou o grande dia. Na noite anterior praticamente não dormi, pois ficava a todo o momento imaginando os passeios que faria aos lugares que eu só conhecia por fotos. Era um dia muito ensolarado, acordei bem disposto e muito feliz apesar de um pouco cansado.

Minha esposa como sempre me deu o maior apoio, me levou até o aeroporto, antes de levar as crianças para a escola e ir trabalhar.

*"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."*

*Fernando Pessoa*

## A Viagem

Cheguei com 2 horas de antecedência para o check-in. Enquanto esperava fiquei perambulando pelo aeroporto, me delicieei tomando um saboroso café com chantilly, em seguida olhei várias vitrines e comprei um jornal.

Estava confortavelmente sentado lendo as primeiras notícias do dia quando um pensamento negativo me veio à mente. Será que teríamos realmente chances na concorrência? Eu não teria usado mal meu poder de persuasão junto aos diretores da companhia só para realizar meu sonho? Não seria mais honesto desistir da viagem e adiar a realização de meu sonho?

De repente o elegante e charmoso andar de uma mulher que caminhava pelo corredor central chamou minha atenção. Ao longe não consegui identificar seu rosto, mas quando ela se aproximou fiquei em estado de choque, meus olhos não conseguiam acreditar - ela era a cara da Brigitte Bardot - em seus melhores dias. Não podia ser filha, ou mesmo neta pois Bardot não teve filhos. Talvez uma sobrinha ou uma descendente não reconhecida. Sorrindo olhou em minha direção, como se me cumprimentasse.

Sem saber o que fazer, olhei para traz para verificar se ela estava olhando para outra pessoa, mas não encontrei ninguém que tivesse correspondido ao aceno. Fiquei certo de que ela havia olhado realmente para mim, ensaiei meu melhor sorriso e quando voltei à cabeça, uma decepção, ela havia desaparecido.

Olhei em todas as direções, mas não consegui encontrá-la. Minha imaginação começou a correr. Seria uma feliz coincidência se ela fosse uma das comissárias de bordo da companhia aérea na qual eu iria embarcar. Observei por quase uma hora, a toda e qualquer loira que passava, mas não a encontrei.

Após curtir a decolagem, e apreciar as asas do avião cortando as nuvens, peguei a revista de bordo e comecei a virar displicentemente as páginas. De repente uma manchete me surpreendeu.

O texto dizia:

***Visite os Subterrâneos de Paris***

*A França é o país mais visitado do mundo, com cerca de 75 milhões de turistas ao ano. Dentre suas várias cidades, Paris é a mais visitada, pois tudo nela é uma atração até mesmo seu subsolo repleto de galerias.*

*Elas possuem cerca de 300 km e foram criadas por volta de 1200 pelos romanos, pois a expansão da cidade gerou uma enorme necessidade por pedras, as quais foram extraídas de pedreiras subterrâneas. As pedras foram usadas na construção da capital na época do império romano, desde os muros que a protegiam, até o Louvre, que na época era fortaleza real. A intensa atividade fez surgir um complexo que engloba vários túneis e salas, um verdadeiro labirinto. Em 1777 o rei Luis XVI preocupado com os constantes desabamentos dos túneis e com o risco aos edifícios, criou um departamento especial chamado " Inspection Générale des Carrières" que possuía a tarefa de inspecionar e reforçar a estrutura das galerias, para evitar desabamentos nas pedreiras e danos aos edifícios acima delas.*

*Ao final do século XVIII, uma pequena parte das galerias foi transformada em cemitério, surgindo assim as famosas "Catacombes".*

*As catacumbas estão abertas ao público, mas o acesso às galerias de inspeção é proibido. Todavia, os conhecedores do local conseguem entrar com facilidade. Sair já é mais complicado, pois é fácil perder-se pelos seus tortuosos caminhos. O ideal é que os turistas passeiem em grupos e sempre acompanhados pelos guias.*

Como curiosidade geral tudo bem, mas achei mórbido ficar lendo sobre passeios turísticos em cemitérios subterrâneos. Desisti da revista e aproveitei para revisar o material para a concorrência. Como todo material extenso e técnico é sempre cansativo, acabei adormecendo, só acordando quando o avião pousava em Paris. Lamentei o ocorrido, pois desejava observar Paris do alto.

Desembarquei no aeroporto Charles de Gaulle ao entardecer. A temperatura estava muito baixa, mas não me incomodava tamanha era minha excitação. Caminhava como que pisando em nuvens, pela alegria de realizar meu sonho.

Fui a um café no próprio aeroporto e sorvi com a maior satisfação outro café com chantili, em seguida saí do saguão e rumei em direção aos táxis. Quando abri a porta para entrar em um e olhei por cima do veículo, tive uma grande e feliz surpresa.

Parecia um sonho, a sócia da BB estava à aproximadamente 15 metros do carro, sentada sobre uma possante moto. Não sou um especialista em motos, mas essa era muito grande e imponente. Nunca havia visto uma moto de nome B-King. A mulher olhava para mim com um enigmático sorriso.

Seus cabelos emolduravam seu rosto com delicadeza, apesar de esvoaçarem ao sabor do vento. Fiquei por alguns instantes sem saber o que fazer. Ela percebeu meu embaraço, sorriu novamente, colocou o capacete, ligou a moto, e sem engatar deu uma forte e longa acelerada, criando um sonoro, potente e agradável ronco. Virou a cabeça em minha direção, engatou a marcha, acelerou rapidamente e partiu em alta velocidade.

Entrei no táxi e sem hesitar ofereci ao motorista 50 euros, caso ele a alcançasse. O motorista olhou para mim pelo retrovisor com um sorriso maroto e arrancou em disparada, começando assim uma louca perseguição digna de filmes de ação pelas ruas e avenidas da cidade.

Ele acelerava, reduzia, brecava e fazia curvas dignas de um rali. Por sorte era um exímio piloto, pois por mais de uma vez pensei que iríamos bater ou atropelar algum pedestre. A mistura da ansiedade com a velocidade fazia com que poucos minutos parecessem horas.

Quando pensei que iríamos emparelhar com ela, entramos em um congestionamento, ela virou a cabeça para traz – talvez rindo de nossa situação – voltou-se e acelerou bruscamente o motor – o que fez com que a moto empinasse – para rapidamente sumir no meio do trânsito.

Com o coração ainda descompassado, comentei ofegante com o motorista sobre a semelhança da mulher com a inesquecível artista e ele declarou que lamentava não ter visto seu rosto, mas que lamentava ainda mais não ter ganhado o dinheiro. Em resposta, eu disse que pelo esforço, pela maestria em dirigir e pela emoção proporcionada eu lhe daria o valor prometido.

Informei que tinha feito reserva em um pequeno hotel localizado no coração da cidade. Ele demonstrou certa irritação, dizendo que eu merecia um hotel que combinasse comigo, e que iria me levar ao Plaza Athenee Hotel. Não sei se a irritação era pelo congestionamento ou por eu não haver aceitado a sugestão do outro hotel. Não entendi também o que ele quis dizer com um hotel que combinasse comigo.

Diante de minha negativa, começou a insistir exageradamente, o que me levou a desconfiar de suas intenções. Por fim desistiu e perguntou se poderia fazer um caminho alternativo, que era mais longo, mas possivelmente mais rápido, pois não iríamos pegar tanto trânsito.

Mais calmo começou a perguntar, coisas triviais como: se eu conhecia alguém na cidade. Se, era minha primeira visita a Paris. Se a viagem era a lazer ou a negócios.

Expliquei o motivo da viagem e a partir desse momento a conversa tomou um rumo muito interessante. Ele disse ser marroquino e que antes de comprar o táxi, havia trabalhado como vendedor, e que iria me passar algumas dicas de como os franceses negociavam. Agradei de imediato à ajuda.

Começou me explicando que o fechamento de um acordo dependia, em boa parte, do relacionamento interpessoal e das atitudes na mesa de negociações, pois os franceses valorizavam muito o protocolo, a aparência e a pontualidade.

E que;

- Os primeiros contatos eram sempre formais, e que um rápido e leve aperto de mão era necessário não só nos encontros como também nas despedidas.
- Os franceses costumam decidir rapidamente, e procuram ser racionais e objetivos.
- Eu deveria tratar os homens como "Monsier" e as mulheres por "Madame" sem acrescentar o primeiro nome, e que a expressão "Mademoiselle" não era mais usada para as moças.
- Os franceses gostavam muito de debater idéias e ideais e que adoravam conversar sobre; culinária, arte, filosofia, música, esportes e história, mas que eu deveria tomar muito cuidado em conversar sobre questões polêmicas como; raça, religião e política, principalmente se fossem negativas a Napoleão, ainda hoje um ícone para o País.
- Eu deveria desenvolver a apresentação de minha proposta com sutileza e perspicácia, mas sendo objetivo e convincente e tendo sempre respostas prontas para todas as possíveis perguntas.
- Deveria também estar sempre com uma boa postura e uma expressão corporal alinhada ao meu discurso e que nunca deveria colocar as mãos nos bolsos se estivesse em público ou mesmo conversando com alguém.

- A tendência dos franceses na maioria das vezes é estabelecer objetivos de longo prazo e só posteriormente estreitar o relacionamento pessoal.
- Eu não me ofendesse, caso algum francês fizesse um círculo com o polegar e o indicador. O gesto que para os brasileiros e soviéticos é obsceno e para os americanos significa que está tudo bem (OK), para os franceses significa que algo não tem valor.

A conversa correu solta e não sei se pelo calor da conversa, pela simpatia e confiança transmitida pelo meu novo amigo ou por uma mistura de tudo isso, mas quando me dei conta, tinha revelado detalhes sigilosos de minha estratégia comercial.

Arrependi-me na hora e procurei mudar de assunto perguntando a razão de ele olhar a todo o instante pelo retrovisor. Ele comentou com naturalidade que há algum tempo um carro estava nos acompanhando.

Olhei para trás e só pude perceber um reluzente logotipo na grade frontal, pois em seguida o automóvel acelerou velozmente e emparelhou com o táxi. Tentei enxergar algum rosto, mas os vidros escuros só me permitiram identificar que o motorista era a única pessoa que estava no carro. Após breves instantes, acelerou nos ultrapassando em alta velocidade, para em seguida entrar na primeira travessa e desaparecer.

Perguntei se essas cenas eram comuns em Paris, e ele respondeu que ocorriam a todo instante, pois muitos turistas seguiam os táxis com o objetivo de fugirem do trânsito.

Em poucos instantes chegamos ao meu destino, me despedi agradecendo as preciosas dicas e ele me entregou um cartão com seu telefone, explicando que poderia requisitar seus serviços a qualquer hora do dia ou da noite.

*"um único momento, o qual determina e decide tudo: um único sim, um único não, um muito cedo ou um muito tarde tornam esse instante irrevogável para centenas de gerações e determinam a vida de um indivíduo, de um povo e até mesmo o curso do destino de toda a humanidade."*

## A Florista

Stefan Zweig

Paris inteira fervia. Inúmeras pessoas se reuniam nos estúdios de arte, ateliês de moda, lojas de grifes, cafés, bares e restaurantes. Isso sem contar as milhares de pessoas que passeavam pelas ruas simplesmente para apreciar a intensa decoração. A iluminação das vitrines, fachadas e árvores enchiam os olhos e tiravam o fôlego de todos que por lá passavam.

O gelado vento cortava sua face. Fazia uma semana que percorria as principais ruas da cidade com um enorme e pesado cesto de flores. Nos pés bolhas que ela sabia que logo se transformariam em calos, nas mãos pequenas fissuras que ardiavam e coçavam muito. No semblante cansaço e desânimo com os resultados obtidos. No coração arrependimento, medo e preocupação.

O empecilho não era a língua, pois falava praticamente sem sotaque, mas não sabia precisar se vendia tão pouco, porque não tinha a habilidade necessária ou porque sua figura denunciava ser uma estrangeira.

De estrutura pequena, magra, ligeiramente curvada em função do peso do cesto, tez morena, lábios grossos. Apesar dos lindos e grandes olhos, seu olhar estava cinzento, frio e distante como que perdidos no passado. Olhos que dissimulavam sua alma através de um véu impenetrável.

Voltava agora a pé para casa, (se é que aquele lugar podia ser chamado de casa) preocupada com o futuro da filha que não podia mais estudar e com o marido que não podia trabalhar por estar doente.

Há poucos meses seu marido era saudável e forte, agora nem parecia mais a mesma pessoa, pois apresentava um quadro depressivo alternando momentos de elevada agressividade e ansiedade com momentos de baixa auto-estima, tristeza e sentimento de culpa.

Os amigos diziam que ele estava com um distúrbio conhecido como "Síndrome de Ulisses". Uma doença que afetava os imigrantes ilegais causando sérios distúrbios mentais, motivados pela solidão, sentimento de fracasso, o pavor de serem descobertos, pela dificuldade de se adaptarem a novos costumes e ao intenso frio. Ouvira dizer que na Espanha havia

registros de imigrantes ilegais que haviam chegado até a se suicidar, como se a morte fosse uma saída.

Procurava afastar esses sentimentos negativos lembrando com alegria quando o marido ainda com saúde a pegava no colo e cheio de sonhos lhe prometia um futuro melhor.

Com o cesto praticamente cheio de flores sem viço, que já não exalavam mais perfume, caminhava devagar em direção a zona Norte da cidade, região preferida pelos sem "documentos" como são chamados os imigrantes ilegais.

Como gostaria de ter vendido mais flores, pois estaria agora com a bolsa mais pesada e com o cesto mais leve.

*O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.*

*Albert Einstein*

## **A Procura**

Enquanto isso perto dali, um automóvel circulava sorrateiramente pelas ruas e travessas. Grande e imponente, e ao mesmo tempo elegante e sofisticado, de formas arredondadas e, ao mesmo tempo, agressivas em seus cinco metros de comprimento.

Uma obra de arte para poucos. Sobre a grade frontal um reluzente emblema prateado em forma de tridente, que não representava um ser do mal, mas um ser do mar, pois fora inspirado na estátua do rei dos mares, Netuno na mitologia romana ou Poseidon na grega.

Com os faróis agindo como olhos, seguia em alguns momentos em baixíssima velocidade quase parando, sem fazer barulho como se procurando um caminho, ou por alguém. Em outros em alta velocidade com o motor roncando estrondosamente, como que fugindo de um pesadelo ou procurando alcançar sua presa.

Em cada cruzamento uma leve redução de velocidade, em cada curva uma cuidadosa manobra para não assustar quem quer que fosse.

De quando em quando o farol alto era acionado para visualizar melhor o semblante de cada pedestre.

Finalmente localizara seu alvo. Como um felino seguiu sorrateiramente seu alvo, por mais de duas centenas de metros, esperando o momento e o local mais adequado.

Em uma travessa com o trânsito parcialmente interditado, por uma obra de reparo da tubulação de esgoto, surgiu à esperada oportunidade. O acelerador foi pressionado com exagerado vigor, o carro inteiro vibrou com a potência desenvolvida, avançou em disparada e em poucos segundos atingiu altíssima velocidade.

Os pneus gritaram um ensurdecedor lamento de dor. Atrás do carro uma pequena nuvem de fumaça exalou o odor desagradável de borracha queimada.

O corpo de um homem foi atirado para o alto e ficou por breves instantes girando no ar como que em câmera lenta, para cair de repente.

O motor desacelerou, o carro andou devagar como para conferir o resultado conseguido.

O vidro da janela do motorista foi abaixando lentamente e um olhar percorreu toda a cena.

Em seguida acelerou, para desaparecer por entre as estreitas ruas em alta velocidade.

Somente uma pessoa viu o ocorrido.

Somente ela podia ajudar.

## A Dúvida

*Toda decisão que você toma - toda decisão - não é uma decisão sobre o que você faz. É uma decisão sobre Quem Você É. Quando você vê isso, quando você entende isso, tudo muda. Você começa a ver a vida de um modo novo. Todos eventos, ocorrências, e situações se transformam em oportunidades para fazer o que você veio fazer aqui.*

*Neale Donald Walsch*

Sabia que não iria vender mais nada aquela noite. As mãos doíam muito. A única solução era desfazer-se do pesado fardo de flores murchas com o coração apertado pelo capital desperdiçado, mas não podia jogá-las em qualquer lugar.

Lembrou do lugar ideal, uma ruela completamente deserta, parcialmente tomada por um canteiro de obras, com muitos buracos e entulho. Era um pouco longe, mas em poucos instantes chegaria tal era à vontade de aliviar o peso.

Não se enganara a pequena rua estava deserta. Caminhou com cuidado em direção a um dos buracos, mas quando se abaixou para virar o cesto levou um tremendo susto. O ronco de um potente motor quebrou totalmente o silêncio enquanto um cheiro desagradável de pneus se espalhou pelo ar.

Ficou completamente atônita ao presenciar o atropelamento. O corpo de um homem fora arremessado para o alto como se fosse uma bola, para em seguida cair praticamente em cima dela e rolar sobre um pequeno monte de areia.

Por entre a janela do motorista entreaberta dois felinos e instigantes olhos a observaram detalhadamente. De repente o carro partiu, deixando para traz como resultado de sua maldade um corpo estendido no chão.

Não sabia o que fazer. Virou a cabeça em todas as direções procurando por um auxílio, mas não encontrou ninguém. Olhava para o homem completamente inerte com um misto de piedade e medo. Ao lado do pobre homem uma carteira entreaberta, deixando à mostra um grande volume de dinheiro.

A tentação era grande. Pensava no marido doente e nas privações que eles estavam passando.

Pegava a carteira?

Pegava só o dinheiro e fugia?

Ajudava o infeliz?

Pegava o dinheiro e ligava para a polícia pedindo por socorro?

Pegava o dinheiro e empurrava o corpo que estava quase caindo em um dos buracos?

E se ele se machucasse mais ao cair no buraco?

Ou pior morresse? Se é que já não estava morto?

Terminava de jogar as flores e corria?

Corria com ou sem o cesto?

Sem o cesto podia se afastar mais rápido.

Pensava novamente no marido e na filha. Será que o homem ao seu lado também teria uma família?

E se fosse seu marido o atropelado, não gostaria que o ajudassem?

Gritava por socorro? E se descobrirem que ela era uma imigrante ilegal?

E se fosse deportada o que seria de seu marido? E de sua filha?

Pegava o dinheiro e corria sem o cesto?

Se deixasse o cesto poderiam identificá-la através de impressões digitais?

Quantas dúvidas. O que fazer?

Pensava em como a vida estava sempre nos testando.

Qual o limite da honestidade?

Qual o limite da consciência?

O que deveria fazer?

*Prece da Serenidade*

*Concedei-me Senhor, serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar aquelas que podem ser mudadas, e sabedoria para discernir umas das outras.*

*Reinhold Niebuhr*

## O Encontro

Havia chegado ao hotel exausto, e intrigado com os últimos acontecimentos. Resolvido a esquecer o assunto, tomei um merecido e relaxante banho, para então sair e conhecer a cidade.

Apesar de Paris possuir uma excelente estrutura de ônibus e metrô, resolvi seguir a orientação da recepcionista do hotel e conhecer a cidade a pé, pois segundo ela era a melhor forma de conhecê-la.

Caminhava como que pisando em nuvens, tamanha era a minha felicidade. Em cada metro quadrado quanta poesia. A arquitetura era lindíssima, um verdadeiro colírio para os olhos com seus chafarizes, praças, jardins, cafés, crepes.

Curiosamente eu sabia qual caminho percorrer e o que iria encontrar a cada passo. Talvez fosse a minha imaginação, ou o fato de ter sonhado tantas vezes com aquele momento, mas eu sentia como se já houvesse vivido ali.

No Natal em função da decoração especial a cidade inteira brilhava ainda com mais intensidade, tirando o fôlego de quem como eu passeava despreocupadamente por ela. É a cidade-luz dando jus ao nome.

E pensar que a alguns instantes eu andava calmamente na avenida Champs Elysees. Agora estou aqui estatelado no chão, com dores por todo o corpo e na mais completa escuridão.

Só me lembro de que tudo aconteceu ao tentar cortar caminho por uma rua em reforma. Só tive tempo de ver dois faróis em minha direção, e de ouvir um potente ronco de motor.

Não me lembro de mais nada. Mas, tenho certeza que a porrada foi grande, pois todos os ossos estão doendo. Devo ter sido arremessado para bem longe, mas aonde vim cair? Não sinto mais o calor ou o frio, até a brisa desapareceu. Será que caí em um buraco? Não, não parece lógico um buraco em uma das maiores e melhores cidades do mundo.

Espere, acho que caí em um buraco sim! Talvez em uma das inúmeras galerias subterrâneas existentes sob Paris, se for isso em breve algum grupo de turistas irá me encontrar. O melhor é aguardar, pois pode ser que demore.

Será que existem passeios noturnos a essas cavernas? Se tivesse terminado de ler a reportagem saberia, caso não existam serei socorrido somente amanhã.

Que lugar para passar a primeira noite em Paris. Acho que o melhor a fazer e tentar dormir, mas dormir como se estou descansado, antes não tivesse dormido na viagem. Vou gritar para ver se alguém me escuta.

- Socorro. Socorro.

Engraçado, não ouço mais o burburinho das pessoas, e tão pouco o barulho do trânsito, não ouço mais nada. Será que estou surdo? Poderia ser uma boa explicação para não estar ouvindo nada!

- Socorro.Socorro.

E se em vez de surdo eu morri? Será que a morte é assim?

- Socorro. Socorro. Por favor, alguém me ajude.

Já gritei várias vezes e ninguém apareceu. Como o tempo demora a passar! Perdi a noção do tempo. Não sei que horas são e nem há quanto tempo estou aqui.

- Socorrooooooooo. Por favor, me ajude.

Os ponteiros de meu relógio não se movem. O relógio com a pancada deve ter se quebrado, o que é uma pena. Não que seja um relógio muito caro apesar do nome francês, mas ele me é muito caro, pois ganhei de presente de aniversário de minha esposa. Será que ninguém vem me socorrer?

- Socorro. Socorro. Socorroooooooooooooo.

Que saco, minha garganta está ficando irritada de tanto gritar. Que saco nada, que bom, pelo que sei se estivesse morto ela não arderia.

- Socorro.

E se ao invés de eu gritar, eu ligar do celular. Mas ligar para quem? Deixei o cartão do telefone do taxista junto com minha agenda no hotel, não tenho nem o telefone do hotel. Já sei, vou ligar para o Brasil. Mas aonde foi para meu celular? Tenho certeza que saí com ele. Deve ter voado longe com a pancada. Não tem jeito, o negócio é continuar a gritar.

- Socorro. Socorro.

Como sou burro. A probabilidade que alguém me ajude é muito pequena, pois estou pedindo socorro em português. Tenho que gritar em francês. Como é mesmo que se diz socorro em francês? Não me lembro, vai ser em inglês mesmo.

- Help, Help, Helpeeeeeeee.

Também não está funcionando. Lembrei!

- Secours, Secours, Secours, Secoursssssssss.

Nada, também não está adiantando gritar em francês. Já sei vou gritar em todas.

- Secours. Help. Socorro.

Não adianta ninguém me ouve.

- Por favor, alguém me ajude.

Até agora nada. O que devo fazer? Pedir novamente? Vou gritar mais alto.

- Por favor, me ajudem.

Minha garganta está cada vez mais irritada. Acho que não devo gritar tanto.

- Secours. Help. Socorroooooo.

Estou vendo uma pequena luz ao longe, acho que alguém me ouviu. Talvez seja a lanterna de algum guia turístico.

- Secours. Help. Socorro.

Ótimo, acho que me escutou, pois está vindo em minha direção. Opa! Acho que está se deslocando muito rápido para um pedestre. Só falta ser uma moto.

- Secours. Help. Socorro.

E se for uma moto ela não me ver aqui estatelado no chão e me atropelar novamente. Não, não pode ser uma moto, pois não estou ouvindo o barulho do motor.

- Secours. Help. Socorro.

E se eu realmente fiquei surdo no acidente? Se realmente for uma moto eu não estou em uma das galerias subterrâneas, assim sendo onde estou? Se for uma moto está com problemas no farol, pois a luz do farol está fraca. Acho melhor gritar mais alto.

- Secours. Help. Socorro.

Droga de garganta! Estou perdendo a voz. Não é uma moto, pois se desloca de forma macia, como se flutuasse. Pela velocidade pode ser um ciclista. Na Europa é muito comum esse meio de transporte. Talvez seja um policial parisiense? E se ao invés de um policial, for um assaltante? Acho melhor acalmar a ansiedade e parar de imaginar coisas.

- Secours. Help. Socorro.

Já estou vendo um vulto. Que alívio, dificilmente vai me assaltar, pois é uma mulher. Não posso ter muita certeza, as mulheres atualmente estão invadindo vários setores antes exclusivos dos homens. Será que ela vai me assaltar?

- Estou aqui. Hear.

Agora que ela está mais perto posso ver melhor realmente é uma mulher. Não tem cara e nem jeito de assaltante, pois é; linda, loira, alta, olhos grandes, rosto angelical e para minha surpresa, sócia da BB.

- Fique tranquilo, estou aqui para te ajudar. – disse ela em português.
- Não sei o que aconteceu. Acho que fui atropelado, pois me lembro vagamente dos faróis e da pancada.

- Você está certo, você foi atropelado.
- Era o que eu temia, mas onde estamos?
- Primeiro vamos tratar de você, se acalme e tome esse medicamento.
- Não quero tomar remédio nenhum, quero saber onde estou e quem é você – disse irritado.
- Por favor, tome esse remédio que as dores vão passar e você ficará mais calmo e relaxado.

Ela falou com tanta doçura que acabei não resistindo.

- Está bem, eu tomo.
- Respire devagar, aspirando e expirando com a maior tranquilidade possível.
- Que remédio é este? Não tem gosto algum!
- Está melhorando?
- Sim. Que música é esta que estou ouvindo?
- É para que você fique mais tranquilo.
- É linda! Nunca ouvi uma composição que misturasse sinos com harpa.
- Relaxe. Tente dormir um pouco você vai acordar bem melhor.

*"A vida é aquilo que acontece enquanto fazemos planos para o futuro"*

*John Lennon*

## O Despertar

- Está melhor?
- Muito melhor. Nem parece que sofri um acidente.
- Fico muito feliz.
- Agora, me diga onde estamos.
- Você só vai saber quando terminarmos esse nosso encontro.
- Encontro? Que encontro? Não teria sido mais fácil termos conversado antes? Ou não era você que estava no saguão do aeroporto ou na motocicleta quando fui pegar o táxi. Podia até ter me oferecido uma carona em sua moto.
- Realmente era eu. Não conversamos antes, pois nossa conversa exige privacidade e aqueles não eram os locais mais apropriados.
- Não concordo. Podíamos ter nos conhecido em qualquer um dos aeroportos e agendado um encontro em um local mais reservado. Talvez em um restaurante para um agradável jantar e depois, quem sabe uma esticada em um local mais aconchegante.
- Não seria possível nosso encontro tinha que ser aqui. Saiba que foi tudo programado para que pudéssemos conversar nesse local.
- Você quer me convencer que fui atropelado de propósito?
- Sim.
- Quem é louco o suficiente para atropelar alguém só para conversar a sós? Será que mandaram me atropelar para que eu não pudesse participar da concorrência? Não é possível. Uma fábrica tão pequena como a nossa não pode incomodar tanto os demais participantes, ou será que pode?

- Vamos confesse, meu atropelamento tem a ver com a reunião que ocorrerá amanhã?
- Absolutamente.
- Vamos diga a verdade – eu disse começando a me irritar novamente.
- Já disse que não tem nada a ver com a concorrência – ela falou.
- Eu não falei concorrência, falei reunião.
- Não, falou concorrência sim.
- Não me enrole. Eu não falei da concorrência para ninguém – eu disse.
- Falou sim.
- Exceto para o motorista do táxi! Então você está mancomunada com ele. Vamos confesse é tudo um plano para que eu não possa participar.
- Juro que não tem nada a ver.
- Então me explique por que eu fui atropelado?
- Logo você vai saber – ela falou.
- Logo quando?
- Em breve.
- Onde estamos?
- Em outra dimensão.
- Que é isso, deixe de brincadeira. Você quer me convencer que existem outras dimensões. Saiba que nunca acreditei em filmes como "Arquivo X", ou aquelas bobagens daquele filme mais antigo, como era mesmo o nome? Lembrei, "Além da Imaginação".

- É verdade. Estamos em outra dimensão.

Coitada, deve ser louca. Que desperdício, uma mulher tão bonita. É melhor não contrariar e fazer o jogo dela.

- Se for verdade você então é uma alienígena?
- Talvez.
- Nunca conheci nenhuma outra, mas você é a mais bonita alienígena que eu já vi.
- Obrigada pelo elogio, mas ainda não é o momento de você saber quem eu sou. Tenha a certeza de que não sou louca.
- Eu nunca disse que você é louca.
- Não, mas pensou.
- Pare com isso, quer me convencer que pode ler meus pensamentos. Ninguém consegue fazer isso, não subestime minha inteligência. Por favor, diga quem é você.
- Como já expliquei você só vai saber quem eu sou quando chegarmos ao término de nosso encontro.
- Está bem, vamos logo com isso. Não tenho tempo a perder. Falando nisso há quanto tempo estou aqui?
- Aqui a realidade é diferente e o tempo não é contado da mesma forma que no seu mundo.
- Meu mundo, seu mundo. Não estou entendendo nada. Não importa, vamos logo com isso, tempo para mim é dinheiro.
- Que visão distorcida.
- Vai me dizer que para você tempo não é dinheiro?
- É muito mais, que dinheiro.

- Por favor, me ajude a levantar.
- Como está se sentindo?
- Maravilhosamente bem, não estou sentindo nenhuma dor, só uma leve tontura agora que estou em pé. Acho que já podemos ir embora. Não vejo a hora de voltar ao hotel e tomar um longo e reconfortante banho.
- Ainda não, temos muito que conversar.
- Lá vem você de novo. Não tenho nada que conversar com você. Só quero sair daqui.
- Depois.

Deve ser louca mesmo, acho melhor continuar com esse joguinho...

- Está bem, vamos conversar. Quando sairemos daqui?
- Ainda não é permitido que você saiba.
- OK. Outra pergunta. Qual o seu nome?
- Pode me chamar de Lu.
- Seu nome por acaso é Lucia?
- Não, Lumière.
- Já sei você é descendente dos Irmãos Lumière. Aqueles que inventaram a tecnologia de projeção de imagens que deu origem ao cinema. Acertei?
- Não.
- O significado de seu nome. Hum....., acho que é....
- Luz.
- Posso te chamar de Luz?
- Sim.

- Quer saber, acho que isso tudo é uma grande armação, ou uma enorme coincidência. Seu nome significa luz, estamos em Paris que é conhecida como a cidade luz e você surgiu na escuridão como por encanto através de uma luz.
- Eu gosto muito do nome Luz.
- Desculpe não quis ofendê-la. Acho seu nome bonito, pois combina com você.
- Obrigada.
- Estou curioso para saber quem me atropelou?
- Um Maserati prateado, modelo Quattroporte.
- Como você sabe?
- Eu sei de muitas coisas.
- Pelo menos fui atropelado por um carro bonito e caro. Que bom nada, o safado me atropelou e nem parou para me ajudar. Deve ser rico para ter um automóvel desses, preciso descobrir a placa e abrir um processo. Quem sabe consigo uma gorda indenização.
- Você só pensa em dinheiro, hein?
- Não só em dinheiro, mas que esse cara merece uma punição, merece. Nem parou para me socorrer.
- Ele foi um instrumento.
- Instrumento? Que instrumento?
- Para que pudéssemos ter esse nosso encontro.
- Pare! Você quer me levar à loucura. Continuo sem entender nada, por favor, me explique, pois estou ficando estressado.
- O estresse é um dos motivos.

- Motivos do que criatura?
- De estarmos aqui.
- Aqui onde, em outra dimensão? Você não me diz por que estamos aqui, quando iremos embora, e nem quem é você. Só pode ser um sonho, ou pior, um pesadelo.
- Isso vai depender do resultado.
- Que resultado?
- De suas respostas e do balanço final.
- Respostas do que? E o que tudo isso tem a ver com contabilidade.
- Calma, vamos às perguntas.
- Devo estar sonhando. Por favor, comece a perguntar, quero acabar com essa agonia logo.